

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA-LICENCIATURA

CARINE KLOH FARIAS

**HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS
CAMINHOS DOS ESTUDANTES INDÍGENAS FORMADOS NO CURSO DE
PEDAGOGIA DA UFRGS**

Porto Alegre
2º semestre
2018

CARINE KLOH FARIAS

**HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS.
CAMINHOS DOS ESTUDANTES INDÍGENAS FORMADOS NO CURSO DE
PEDAGOGIA DA UFRGS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Bergamaschi

Porto Alegre
2018

Homenagem

Aos meus pais, Benedito Farias e Irene Kloh, que de onde estiverem devem estar orgulhosos desta conquista.

À amiga Ana Lúcia Velho (*in memoriam*) que foi embora cedo demais.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo aquela que me trouxe a este mundo, minha mãe, uma mulher forte e batalhadora, que dedicou sua vida para me dar o melhor de si. Me ensinou a ser persistente e sempre lutar pelos meus sonhos. Me fez entender, com sua partida precoce, que ela havia me criado para ser assim como ela, uma mulher forte.

Quero agradecer aos queridos Dorvalino Cardoso, Josias Mello e Sirlei Ribeiro, que foram a motivação para construção desta pesquisa. Sem eles não seria possível. Obrigada por compartilharem comigo seu tempo e suas experiências.

Não posso deixar de agradecer também todos os amigos e amigas Kaingang com quem convivi durante anos na Casa do Estudante da UFRGS. Muito obrigada por me permitirem esse convívio, por serem meus parceiros de estudos, parceiros de “gordices” e por compartilharem comigo seus conhecimentos. Em especial faço um agradecimento ao meu querido amigo Mauro Vergueiro, que trouxe muitas contribuições para construção deste trabalho.

Ao querido amigo Dr. Edgar Klein, que cuidou de minha mãe com todo carinho e atenção e que sempre acreditou e torceu por mim.

Também não poderia deixar de agradecer aqueles que assumiram o papel de meus pais quando minha mãe partiu. Dona Regina, uma das melhores pessoas que conheço, sempre disposta a ajudar ao próximo e que faz a melhor comida do mundo; Seu Davino, a quem chamo carinhosamente de papucha (costumo dizer que nos escolhemos, eu o escolhi como pai e ele me escolheu como filha). Sem palavras para descrever esse amor tão lindo. Eles me acolheram no momento em que mais precisei e estive frágil. Sempre me incentivaram e apoiaram, nunca deixaram que eu desistisse dos meus sonhos. Esse momento tão importante que estou vivendo tem muito de vocês. Sem vocês seria mais difícil.

À querida amiga Solange Brun, que incentivou que eu trocasse de curso e que, também, foi um pouco minha mãe. Dava-me broncas quando necessário e vibrava com minhas conquistas.

A minha outra mãe, Sinthia Mayer, que quando soube que havia passado no vestibular me fez o convite para morar com ela, já que morava na Av. João Pessoa, bem em frente a FAGED. Ao aceitar o convite ganhei um irmão, o Gabriel Mayer que teve que aceitar dividir o quarto comigo, sem a possibilidade de dizer não.

Ireni Fernandes foi mais uma das mães que a vida me deu e que sempre me incentivou: não poderia deixá-la de fora dos meus agradecimentos. E é mãe do responsável por me apresentar a cultura Kaingang, o querido Diego Fernandes Dias Severo. Obrigada por ter compartilhado comigo a oportunidade de conhecer melhor o povo Kaingang, e assim ter a oportunidade de conviver com o teu orientador, o professor Dr. Walmir Pereira.

Ao querido amigo Denis Helfer Carvalho, que no momento em que pedi sua opinião sobre adiar meu trabalho de conclusão me fez entender que essa não era uma possibilidade. Obrigada por às vezes me dar uns choques de realidade.

Ao meu amigo, companheiro, parceiro de tantas lutas Giovanni Mangia que é um ser iluminado com quem tenho a sorte de conviver.

Aos meus amigos Andrea Mascarenhas, Fernando Cardone e Gisele Picada por serem sempre parceiros e por me aguentarem durante todo o estágio obrigatório e também durante a construção deste trabalho.

À Daniela Souza, que foi um lindo presente que ganhei em 2016 e que desde então vibra com cada conquista minha, me incentiva sempre a buscar meu melhor.

As minhas queridas colegas de curso Cris Santa Maria, Evelyn Rosa, Evelyn Romero, Sandra Raquel Bez, Miriam Macedo, Joana Stedile que a cada final de semestre compartilhavam comigo a alegria de termos vencido mais uma etapa. A Francielle Rodrigues e o Lenardo Magri, que dominam a ABNT: sem eles, meus

trabalhos estariam fora das regras. Obrigada por sempre me apoiarem e não me deixarem desistir. Ao querido colega Júnior Borges, por dividir planejamentos, angústias e medos. A Luana Born que sempre me ligava bem cedo para que eu não perdesse a hora.

Não poderia deixar de agradecer também aos professores e professoras que fizeram parte desta caminhada, desde o ensino fundamental até o ensino superior. Gostaria de começar agradecendo a professora que me alfabetizou, Ana Beatriz Jaques Ribeiro; ainda do ensino fundamental, o querido professor Mauro Nunes: ele me fez ver o mundo com outros olhos e plantou em meu coração o desejo de ingressar no ensino superior; foi o melhor professor de História que tive no ensino básico. Dos professores do ensino médio gostaria de agradecer a querida professora Jacqueline por todo carinho que teve comigo no momento em que perdi minha mãe. Da graduação, começo agradecendo ao querido professor Walmir Pereira, apesar de nunca ter sido de fato sua aluna, sempre me acolheu e oportunizou momentos de aprendizados riquíssimos sobre a cultura indígena. A minha querida orientadora, Maria Aparecida Bergamaschi, por ser essa pessoa tão doce e por sempre ver o melhor de seus alunos. Já te admirava mesmo antes de te conhecer. A professora Patrícia Camini, que me ouviu e ajudou a perder o medo da prática do 5º semestre. E ela, a melhor orientadora de estágio que eu poderia ter tido, professora Denise Comerlato. Obrigada por não me deixar desistir do estágio logo na primeira semana, por ouvir meus áudios no *whatsapp* e todo choro. Às vezes dura, mas sem perder a ternura jamais. Te quero sempre em minha vida.

À equipe de funcionários da Comgrad/Pedagogia, em especial à Lara que me acompanha desde o início do curso.

E por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer ao querido Daniel Mascarenhas, que já chegou em minha vida sendo um super incentivador e parceiro, antes mesmo de me conhecer. Visitar a aldeia de São Leopoldo, foi mais fácil com tua ajuda. Estou muito feliz em poder compartilhar este momento tão importante da minha vida com você.

RESUMO

Este trabalho tem como propósito estudar o percurso formativo dos três primeiros estudantes indígenas (kaingang) formados na Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Constitui-se, em uma narrativa das experiências contadas por estes estudantes, destacando os aspectos positivos dessa trajetória, bem como as adversidades vivenciadas. Com isso, procuro dar destaque à caminhada de cada um, até a conclusão de sua formação docente. Como forma de apresentar a temática, narro o intenso contato com a cultura Kaingang que vivenciei durante meu percurso acadêmico e discuto sobre os costumes e algumas tradições Kaingang, evidenciando concepções de mundo e a educação própria deste povo. Apresento a política afirmativa que propiciou o ingresso de estudantes indígenas em diferentes cursos de graduação da UFRGS desde 2008, por meio de um vestibular específico e diferenciado, que busca atender as especificidades culturais. Constato que a Licenciatura em Pedagogia é um dos cursos mais escolhidos pelos indígenas que buscam o ensino superior nesta universidade. Para desenvolver o presente estudo, realizei entrevista com os três estudantes e analisei os seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). Através das entrevistas, de leituras em literatura especializada e das vivências compartilhadas com os estudantes Kaingang, percorro o mundo do indígena universitário e suas visões e versões das experiências no curso. Constato, também, que nos últimos anos há uma presença crescente de estudantes indígenas nas universidades brasileiras. Esse movimento decorre da luta dos povos originários, que constroem sua autonomia afirmando sua cultura em diálogo, mas sem depender exclusivamente dos fóg (não indígenas).

PALAVRAS-CHAVE: Estudantes Indígenas, Kaingang, Pedagogia, UFRGS.

LISTA DE ABREVIATURAS

CONSUN Conselho Universitário

ENEM Exame Nacional do Ensino Médio

ProUni Programa Universidade para Todos

CAPEIn Comissão de Acesso e Permanência do Estudante Indígena

FUNAI Fundação Nacional do Índio

UFRGS Universidade Federal do Rio Grande do Sul

COMGRAD Comissão de Graduação

CEPE Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão

CEU Casa do Estudante Universitário da UFRGS

FACED Faculdade de Educação

SUMÁRIO

Sumário	8
Introdução	9
1. CAMINHOS QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI	11
2. MAS AFINAL, QUEM SÃO OS KAINGANG?	14
3. ESTUDANTES INDÍGENAS NO ENSINO SUPERIOR	19
4. A VISÃO DOS ESTUDANTES KAINGANG	22
4.1. Os primeiros momentos e os desafios na UFRGS	22
4.2. Marcas do curso na formação dos estudantes kaingang	27
4.3. Os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs)	29
PALAVRAS FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
APÊNDICE A	37
APÊNDICE B	40
APÊNDICE C	45
APÊNDICE D	49
APÊNDICE E	51

Introdução

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tem como propósito descrever a trajetória e o percurso formativo dos três primeiros estudantes indígenas(kaingang) formados nesta Licenciatura. Constitui-se, em uma narrativa das experiências contadas por estes estudantes, destacando a caminhada que cada um deles percorreu até a conclusão de sua formação docente.

A partir da decisão nº134/2007, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul possibilitou o ingresso de forma diferenciada de estudantes indígenas. Anualmente são ofertadas 10 (dez) vagas em cursos que são escolhidos pelas comunidades indígenas. Conforme Britto (2016), para a tomada de decisão sobre os cursos a serem escolhidos, os representantes indígenas aprofundaram a reflexão discutindo apenas entre seus pares. Este foi um marco histórico para nossa universidade e, conforme Terena (2013), se rompe um círculo conservador.

Em decorrência desta política, o curso de Licenciatura em Pedagogia passa a receber estudantes indígenas desde 2008. Desde então ingressaram oito estudantes e destes, três já foram diplomados. E é sobre a trajetória dos estudantes que já concluíram o curso que me debruço neste trabalho.

Apresento as razões que me guiaram ao tema de pesquisa, e a partir deste surge a pergunta: Quais as adversidades e as vivências positivas que foram marcantes para os estudantes indígenas ao longo do curso? Tento evidenciar aqui minhas dúvidas e inquietações que foram fontes de motivação na construção da pesquisa.

Os objetivos da pesquisa são: analisar as trajetórias de três estudantes indígenas (Kaingang) que já concluíram o curso de Pedagogia na UFRGS, buscando compreender as vivências positivas e as adversidades que foram marcantes no percurso formativo.

Assim desenvolvi uma pesquisa de cunho qualitativo, onde o material coletado para sua construção se constitui a partir das entrevistas realizadas com os

sujeitos desta pesquisa. Minha intenção com esta escolha foi tentar entender a trajetória destes sujeitos, aproximando da realidade vivida por eles. Conforme Silveira e Córdova (2009, p. 32), “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”.

O texto está assim organizado: o item 1 compõe esta apresentação; no capítulo 2 apresento um pouco da minha história e dos caminhos que me trouxeram até aqui e conseqüentemente na escolha do tema; no capítulo 3 faço uma breve apresentação do povo Kaingang; na sequência, no capítulo 4, analiso as entrevistas para entender os percursos dos estudantes indígenas até a conclusão do curso e apresento os TCC's destes estudantes, analisando alguns aspectos dos estudos que eles realizaram. E por fim, a conclusão, em que retomo o objetivo, pontuando os principais aspectos evidenciados na pesquisa.

1. CAMINHOS QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI

Cresci em uma cidade situada na região metropolitana de Porto Alegre e que é tida como um dos maiores índices de violência do Estado: a cidade de Alvorada. Sou filha de uma empregada doméstica que ficou viúva muito jovem e teve que me criar sozinha. Minha mãe sempre me incentivou a estudar, nunca admitiu a hipótese de eu largar os estudos. Infelizmente, em agosto de 2007, minha mãe veio a falecer. Aos 18 anos sofri minha segunda grande perda, a primeira foi aos 02 anos quando perdi meu pai. Foi um dos momentos mais difíceis da minha vida, pois como filha única e sem parentes próximos, me vi sozinha neste mundo. Mas, mesmo diante de uma dor tão profunda e diria que incurável, não desisti de estudar e tive apoio de muitas pessoas. Em 2009 decidi fazer a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), e assim tentar uma bolsa do Programa Universidade para Todos (ProUni). Ingressar na universidade foi um dos momentos mais felizes da minha vida. O sonho que parecia tão distante, estava se realizando, mas ao mesmo tempo tive uma pontinha de tristeza por não poder compartilhar essa alegria com aquela que sempre me incentivou nos estudos. Certamente minha mãe ficaria muito orgulhosa. Confesso que no primeiro dia de aula chorei.

Assim começa minha trajetória universitária e nasce meu interesse pela cultura indígena, em especial pelos Kaingang, antes mesmo de ingressar no curso de Pedagogia. Cursei três semestres de Licenciatura em História na Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos) e lá tive meu primeiro contato com a cultura e a sabedoria Kaingang. Na época, um colega do curso de Ciências Sociais estava fazendo seu trabalho de conclusão de curso sobre a educação indígena e me convidou para visitar o território indígena Kaingang Voga, que fica localizado na cidade de São Leopoldo. Seu orientador foi o professor Dr. Walmir Pereira, que sempre atuou com os povos originários e que me recebeu de maneira muito acolhedora. Assim, tive a oportunidade de conhecer Dorvalino, que na época era e ainda é um dos professores da escola que funciona naquela Terra Indígena e que é também um dos sujeitos desta pesquisa, sem imaginar que no ano seguinte o

reencontraria. Este me recebeu na escola de forma muito acolhedora, disposto a compartilhar seus conhecimentos e isso despertou em mim o desejo de aprender mais sobre os povos originários. Toda vez que meu colega ia até até o território indígena para realizar as entrevistas para o seu TCC, lá estava eu com olhos e ouvidos atentos a tudo que via e ouvia. Desde minhas primeiras visitas estabeleci laços com as crianças que frequentavam a escola. Em uma das visitas uma menina me perguntou: “Tu é índia?”. Aquela pergunta encheu meu coração de alegria, pois de alguma maneira ela viu em mim algo que fez com que se identificasse. Desde então minha relação com os povos originários, em especial os kaingang só aumentou, muito por conta do professor Walmir, que na época era coordenador do Museu Antropológico do Rio Grande do Sul e sempre que havia algum evento me convidava para participar.

Em 2012 ingressei no curso Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Dorvalino já estava no 5º semestre do mesmo. Junto comigo ingressou Sirlei, estudante kaingang da Terra Indígena do Guarita e Viviane, da Terra Indígena de Farroupilha, o que tornou ainda mais singular tal interesse. Percebi que em diversos momentos minhas colegas tinham dificuldades para se ambientar à academia, pois eram mais tímidas, mais escutavam do que falavam e por vezes eu percebia que elas ficavam isoladas.

Anterior ao meu primeiro semestre, já conhecia por referência teórica do curso de História, Maria Aparecida Bergamaschi. O que eu não sabia, é que iria encontrá-la pessoalmente, como minha professora, já no primeiro semestre de Pedagogia, na disciplina de História da Educação na Europa e nas Américas. Todos esses retalhos de minha história contribuíram para minha decisão final de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

O curso de Pedagogia tem seu tempo mínimo de conclusão de 4 anos. Todavia, pelas dificuldades que a vida nos impõe, só consegui concluí-lo em 2018. Em 2016 surge a oportunidade de atuar como bolsista de monitoria indígena. De 15 em 15 dias eu saía da faculdade, no campus centro, e ia até o bairro Lomba do Pinheiro, na terra indígena Fag Nhin, auxiliar Sinara com as atividades da faculdade. O trecho de locomoção, que Sinara enfrentava diariamente, entre a aldeia e a

faculdade era repleto de obstáculos; desde ter que fazer baldeação entre ônibus, estradas de terra desertas, além, é claro, de ter de acordar e alimentar os filhos antes de sair, arrumá-los para a escola e cumprir com seu papel perante a comunidade em que vivia. Por conta de tudo, enfrentou severas dificuldades acadêmicas, complementando seus desafios diários. E eu, por conta de tudo isso, valorizava muito Sinara e a bolsa de monitoria em que atuava, pois sabia da importância que eu tinha para a complementação de seus estudos.

Assim, minha temática, a trajetória dos estudantes indígenas no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, surge. E junto com ela, a seguinte inquietação: Quais as adversidades vividas pelos estudantes indígenas ao longo do curso? Ingressar e permanecer na universidade não é algo simples para quem tem uma origem humilde. Se para pessoas que tem essa característica social já é difícil, para o estudante indígena é ainda mais dificultoso, pois eles vem de uma cultura diferente, sua língua é outra. Para complementar, a história do indígena universitário normalmente se repete, ele precisa deixar sua aldeia, deixar seus parentes e enfrentar “sozinho” o desafio que é se inserir em uma universidade. Conforme Ana Isabel Melo dos Santos (2018, p. 45), esses estudantes trazem consigo um sonho que não é só um sonho pessoal e sim de todo um coletivo.

Dentro de uma visão humanista, o acesso, a permanência e o sucesso em um curso superior pelos alunos indígenas representam mais que uma formação universitária, mas o seu próprio reconhecimento pessoal, do coletivo que representam, fazendo com que saibam interagir com o mundo atual e fazendo-os atores que podem mudar a realidade que os cerca.

Os caminhos da vida nem sempre são fáceis, mas os autores principais desta pesquisa nos mostram que é possível sim seguir e, assim, incorporar essa marca de lutas e perseverança na vida de educadores que escolhemos. Para compreender estes estudantes, é importante também, conhecer um pouco do povo ao qual eles pertencem, ou seja, o povo Kaingang. No próximo capítulo, apresento aspectos da cultura e da vida deste povo que confere pertencimentos aos estudantes que fazem parte desta pesquisa.

2. MAS AFINAL, QUEM SÃO OS KAINGANG?

Os europeus criaram um termo genérico chamado “índio” para diferenciar-se dos povos que aqui encontraram quando iniciaram o empreendimento colonizador no continente americano. Com isso, se criou uma imagem, para as populações não índias, de que só existe um tipo de cultura, negando a diversidade de povos que existiam e ainda existem. Em geral essa generalidade é reforçada com características estereotipadas, principalmente com o que é ensinado na escola, não condizentes com a vida atual de centenas de povos, como por exemplo: todos os índios moram em “ocas”, usam cocares de penas, andam nus, são curados pelo “pajé”. Por outro lado também, esta identificação como “indígenas” tem sido apropriada pelos diferentes povos originários na construção de uma identidade comum, que marca a diferença entre “eles” e o “resto do mundo”. Essa designação, que aglutina todos os povos originários, é utilizada, principalmente em suas lutas políticas. Mesmo com as violentas práticas coloniais, mantiveram-se e, cada vez mais percebem a afirmação de suas culturas tradicionais, como parte integral de sua resistência política.

Segundo o Censo de 2010¹, a população indígena é composta por 817,9 mil pessoas, sendo este o último censo que efetuou a estatística que indica os presentes dados. São encontrados atualmente no Brasil, 305 povos originários e cada um destes povos tem sua própria forma de se organizar. Alguns deles, além de manterem a sua língua materna, também são falantes da língua portuguesa. Dentre estes povos, encontramos o povo Kaingang e, conforme Rosa (2012, p. 92),

Os kaingangs, estão entre as quatro populações indígenas mais populosas do Brasil, com cerca de 30.000 indivíduos. A maior parte deles está concentrada em postos reconhecidos pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) nos Estados de São Paulo (SP), Paraná (PR), Santa Catarina (SC) e Rio Grande do Sul (RS).

¹<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=3&idnoticia=2194&t=censo-2010-poblacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274&view=noticia>, acessado em 20/10/2018.

Com foco nos sujeitos pesquisados, verificamos que o número de pessoas pertencentes aos povos originários no RS é de 17.231² habitantes, considerando os povos kaingang, Guarani e Charrua. Podemos perceber um anacronismo nos dados de cada pesquisa, provavelmente ligado a falta de identificação própria de cada povo originário, indefinidos quanto à sua cultura e definidos somente por uma construção identitária construída por não indígenas.

O tronco linguístico do povo Kaingang é o Macro-Jê e sua escrita foi desenvolvida por uma linguista alemã, em conjunto com algumas lideranças e professores, a partir dos anos 60 do século XX (CARDOSO, 2014).

Outro aspecto importante na tradição Kaingang diz respeito à forma como se organizam. Seus fundamentos se assentam na organização clânica composta por duas metades: Kame e Kajru, conforme nos apresenta Claudino(2012)

Nos mitos kaingang, dois irmãos são primordiais: kame e kajru. Juntos, produziram não apenas divisões entre a humanidade, mas também divisões entre todos os seres do cosmos: o Sol é kame, e a Lua é kajru; o jémuje (lagarto) é kame, o kajer (macaco) é kajru, persistência é kame, inovação é kajru, objetos compridos são kame, objetos redondos são kajru; fág (pinheiro) é kame, kenhokórá (grápia) é kajru. Assim todos os seres (animais, vegetais, celestiais), objetos, relações, sentimentos e forma estão ligados à ancestralidade kame ou kajru.

Essas particularidades, cultivadas nas suas comunidades por meio do ensinamento dos mais velhos e sábios Kaingang, dão suporte para a brava resistência deste povo, para manter sempre viva suas crença e tradições.

Somente a partir da Constituição de 1988, os povos originários passam a ser reconhecidos como sujeitos autônomos e de direito em nosso país. Até então, eram considerados relativamente incapazes e eram tutelados por um órgão indigenista estatal (de 1910 à 1967, o Serviço de Proteção ao Índio - SPI; atualmente, a

² Número de habitantes obtido através do site http://www.portalkaingang.org/populacao_por_estado.htm, acessado em 20/10/2018. O site não inclui as aldeias localizadas em Porto Alegre e São Leopoldo, locais onde residem a totalidade de indígenas entrevistados.

Fundação Nacional do Índio - FUNAI)³. No capítulo VIII da Lei Magna de nosso país, os artigos 231 e 232 falam o seguinte:

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

§ 1º São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

§ 2º As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes.

§ 3º O aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos, a pesquisa e a lavra das riquezas minerais em terras indígenas só podem ser efetivados com autorização do Congresso Nacional, ouvidas as comunidades afetadas, ficando-lhes assegurada participação nos resultados da lavra, na forma da lei.

§ 4º As terras de que trata este artigo são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis.

§ 5º É vedada a remoção dos grupos indígenas de suas terras, salvo, ad referendum do Congresso Nacional, em caso de catástrofe ou epidemia que ponha em risco sua população, ou no interesse da soberania do País, após deliberação do Congresso Nacional, garantido, em qualquer hipótese, o retorno imediato logo que cesse o risco.

§ 6º São nulos e extintos, não produzindo efeitos jurídicos, os atos que tenham por objeto a ocupação, o domínio e a posse das terras a que se refere este artigo, ou a exploração das riquezas naturais do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes, ressalvado relevante interesse público da União, segundo o que dispuser lei complementar, não gerando a nulidade e a extinção direito a indenização ou a ações contra a União, salvo, na forma da lei, quanto às benfeitorias derivadas da ocupação de boa-fé.

§ 7º Não se aplica às terras indígenas o disposto no art. 174, §§ 3º e 4º.

Art. 232. Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e

³ Dado obtido em: https://pib.socioambiental.org/pt/Estatuto_do_%C3%8Dndio acessado em 20/10/2018.

interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo (Brasil, 1988).

Percebe-se, ao deparar com leis tão recentes para reconhecer o Brasil como um país composto por várias etnias, com direito à diferença, às línguas e culturas próprias o quão arrastado foi o processo de reconhecimento dos povos originários.

Assim, a educação escolar indígena só começou a ter uma atenção especial, há cerca de três décadas. Ao falarmos em educação, é importante lembrar que este é um processo amplo, contínuo que acontece ao longo da vida de cada pessoa e não se restringe apenas às experiências escolares. A escola se consagrou como espaço central de socialização da pessoa, bem como aquisição de saberes tidos como relevantes para inserção no mundo do trabalho. Se constrói na escola experiências cotidianas que vão nos integrando à uma lógica de sociedade e, ao mesmo tempo vão produzindo um lugar social que podemos/devemos ocupar. Por estar inserida em uma sociedade capitalista, esta instituição colabora para o desenvolvimento de certas disposições, certos valores que são próprios deste modo de produção.

Nesse sentido, conforme Bergamaschi (2012) nos aponta, para os povos originários é um grande desafio assumir a educação escolar, e não é o desconhecimento de procedimentos didáticos ou de conteúdos curriculares, mas o fato de serem lógicas distintas as que fundamentam a organização da escola e a vida em suas comunidades. Se torna assim, um grande desafio colocar sob controle uma instituição que reproduz relações capitalistas (individualismo, competição, hierarquização, seleção dos melhores) e torná-las adequadas à cultura que vivem e pretendem continuar vivendo. Mélia (1979) afirma que os povos originários possuem seus espaços e tempos educativos próprios, dos quais participam a família, a comunidade, sendo a educação assumida como responsabilidade coletiva. Cardoso (2014, pg 16) nos aponta fatores importantes que constituem essa escola.

A escola indígena tem que ser construída como a própria cara do povo a que se destina. A pedagogia também tem que ser introduzida para dentro da proposta pedagógica indígena, onde é necessário ressaltar uma filosofia própria e desenvolver o bilinguismo. Os profissionais que atuam numa escola indígena

têm que, no mínimo, ter a formação bilíngue e a formação continuada voltada para os interesses da comunidade indígena. A escola, por ser pública, pertence a todos.

A partir dessa escolaridade produzida nos territórios indígenas, surge a necessidade e o anseio destes jovens de terem também acesso ao ensino superior. “Assim elegem o espaço universitário também como espaço político de afirmação”, como destaca Bergamaschi (2013, p. 1).

3. ESTUDANTES INDÍGENAS NO ENSINO SUPERIOR

Assim como a educação escolar indígena é recente, mais recente ainda é o acesso de indígenas ao ensino superior, embora essa seja uma luta antiga. Essa necessidade surge em razão de que os povos originários querem ter seus próprios médicos, enfermeiros, professores, advogados, tornando-se assim mais autônomos na relação com a sociedade não indígena. Conforme Luciano (*apud* PALADINO, 2009, p.10 -11)

Por meio de suas organizações e outras formas de representação, os povos indígenas têm reivindicado a universidade enquanto espaço de formação qualificada de quadros não apenas para elaborar e gerir projetos em Terras Indígenas[...] Querem ter condições de dialogar, sem mediadores brancos, pardos ou negros[...] Desejam poder viver de suas terras, aliando seus conhecimentos com outros oriundos do acervo técnico-científico ocidental[.]

Como já relatado no início deste trabalho, anualmente são ofertadas dez vagas para o ingresso de estudantes indígenas. Conforme Brito (2016), o processo de seleção destes estudantes é específico e realizado em um único dia. Os candidatos têm três horas para realizar uma prova de 25 questões de múltipla escolha que envolvem conhecimentos da língua portuguesa, bem como a elaboração de uma redação.

Mas, não basta apenas possibilitar o acesso destes estudantes, é preciso também garantir a permanência. E essa é uma demanda crescente dos estudantes que ingressam no ensino superior. A UFRGS oferece algumas formas de apoio, como a moradia universitária, auxílio transporte e ao material pedagógico, a possibilidade de uma monitoria individual inserida na presença de um professor referência em cada curso. Recentemente se obteve, através de muita luta e organização, uma conquista que visa auxiliar na permanência destes estudantes em seus respectivos cursos. Foi a portaria nº 389, de 09 de maio de 2013 do Ministério da Educação que estabelece a Bolsa Permanência para todos os estudantes

indígenas. Esse auxílio, no valor de R\$ 900,00 ajuda a custear os gastos destes estudantes na universidade, mas também em muitos casos ajudam a custear o sustento de suas famílias.

Ainda sobre a questão de permanência, surge outra pauta importante nesta luta, em especial por parte das mulheres indígenas. Conforme Britto(2016) entre os anos de 2008 à 2016 percebe-se uma crescente participação feminina no processo seletivo específico. Boa parte dessas mulheres que ingressam na universidade já são mães ou se tornam mães durante o curso e essa é uma questão que influencia bastante na permanência, pois a universidade não está preparada para atender essa especificidade tão vital de suas e seus estudantes, nem indígenas e nem, tampouco, não indígenas. Atualmente todos os estudantes indígenas que ingressam na UFRGS tem direito à uma vaga na Casa do Estudante Universitário (CEU), mas as mulheres indígenas encontram muitas dificuldades de viver aqui com seus filhos e filhas, pois não há permissão para tanto, nem uma preparação da casa para acolher crianças e muitos moradores reclamam dessa presença. Essas mães também enfrentam dificuldades quando se reúnem para conversar e verem seus filhos brincarem, nestes momentos também acontecem reclamações por parte de outros moradores. Muitas precisam buscar outra moradia fora da CEU, conforme relata Pafej (apud em BRITTO, p.94):

Adorava ficar na CEU, todo mundo se ajudava, todo mundo era unido. Depois que o bebê nasceu tive que morar fora da CEU. Senti muita falta do grupo. [...]. Me sentia acolhida pelos colegas indígenas, agora estou longe, pois o aluguel que consegui pagar é num lugar muito distante e perigoso, por isso não peguei cadeiras à noite. Tem algo mais perto, mas pedem 3 a 4 meses de caução ou um fiador. Não temos condições para isso. Mesmo indo morar nesta quitinete onde estou com meu marido e filho, passei por muitas dificuldades até de não ter direito o que comer para conseguir fazer a mudança lá da Aldeia.

Surge então a necessidade de uma casa voltada para estas mulheres indígenas, uma casa onde seus filhos possam brincar e se divertir sem haver reclamação por parte de outros moradores. Algumas estudantes da universidade já estão engajadas nesta

luta, estão se organizando e reivindicando a moradia do universitário indígena. São movimentos vivenciados pelos estudantes na universidade e que muitas vezes define a sua permanência, que não é um processo fácil, mas que já enriquece a academia. Desde 2008 ingressaram cerca de 100 estudantes indígenas na UFRGS. Os cursos escolhidos são basicamente vinculados à saúde, à educação, aos direitos e algumas outras ciências estratégicas, como as voltadas à terra. No Curso de Pedagogia ingressaram dez estudantes indígenas: nove pertencentes ao povo kaingang e uma ao povo Guarani. Destes, um estudante desistiu e duas alunas estão em outras universidades, por meio de transferência e de nova seleção, respectivamente.

No próximo capítulo, falo da presença dos três estudantes já formados na Licenciatura em Pedagogia, procurando compreender as dificuldades e os pontos positivos dessa trajetória.

4. A VISÃO DOS ESTUDANTES KAINGANG

Neste capítulo, serão apresentados alguns dados das entrevistas realizadas com os estudantes indígenas que se formaram no curso de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estes estudantes, agora formados, relatam suas experiências através de dois blocos de perguntas. As entrevistas foram realizadas em momentos diferentes, de acordo com a disponibilidade de cada um dos entrevistados. A primeira entrevista realizada foi com a Sirlei Ribeiro, que gentilmente se disponibilizou a vir até a CEU, local onde atualmente moro e também foi onde Sirlei morou durante boa parte de sua graduação. Atualmente Sirlei mora na cidade de Sapucaia do Sul, junto com seu esposo e sua filha. A segunda entrevista foi realizada no território indígena localizado na cidade de São Leopoldo, onde mora e leciona Dorvalino Cardoso. E por fim, a última entrevista foi realizada na Faculdade de Educação (FACED), com Josias Mello, que atualmente é estudante de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEDU/UFRGS.

4.1. Os primeiros momentos e os desafios na UFRGS

Na pergunta inicial da entrevista com os três estudantes, busco descobrir como se sentiram ao ingressarem na universidade, como foram estes primeiros momentos. Ao comparar as respostas, pude perceber que há similaridade nas respostas apresentadas.

Sirlei: *Meus primeiros momentos na universidade foram bastante intensos, se é que posso dizer assim, mas o fato é que ingressei em curso no qual não imaginava ser bastante difícil, e por esse motivo, solicitei transferência interna para o curso de Pedagogia. Neste curso, desde o primeiro dia de aula até o últimos semestre, foram inúmeros desafios e inúmeras aprendizagens.*

Dorvalino: *A gente chegou lá era tudo estranho, não sabia onde fazer xerox, como fazer xerox, tudo era novo, não sabia quais eram as estratégias para ler os textos, tudo isso tinha dificuldade. Tudo acarretou em dificuldades, quando eu entrei não tinha monitora. A monitora veio depois, então né precisava de monitora desde o início.*

Josias: *Foi bastante difícil, a gente era acostumado lá, foi difícil sim chegar aqui na cidade. Não conhecia quase ninguém, mas eu acho que o que contribuiu para bastante foi a vontade né, de ficar na universidade.*

Em relação ao ingresso, podemos perceber que os primeiros momentos na universidade não foram fáceis para nenhum dos entrevistados. Sirlei ingressou primeiro no curso de Matemática, e acompanhar o ritmo do curso para ela foi a maior dificuldade. Para Dorvalino, a principal dificuldade foi o estranhamento, o não saber se localizar dentro da universidade e também o fato de não ter uma monitora para dar orientações básicas, que para muitos podem parecer banais, mas que para ele eram essenciais na apresentação deste universo estranho ao seu modo de vida. A principal dificuldade. Relata também que no início do curso não tinha monitora, que só depois de um tempo passou a ter. Segundo Santos (2018, p.43)

Foi constatado pelos professores o isolamento dos alunos indígenas, num primeiro momento, dentro do espaço acadêmico. A CAPEIn foi feita para acolher os primeiros estudantes indígenas e, juntamente com a monitora, que deveria acompanhar o mesmo dentro do espaço universitário, fazer o entrosamento do aluno indígena na universidade.

Para Josias foi sair do território indígena e vir para Capital, pois ele vem de uma Terra Indígena bem distante de Porto Alegre, uma cidade para ele desconhecida no início do curso. Mas, ao mesmo tempo ele conta que existia muita vontade de ficar na universidade e isso serviu de combustível para sua permanência.

A segunda indagação que dirigi aos três estudantes, com o objetivo de compreender suas trajetórias, foi sobre os pontos positivos que auxiliaram na permanência. Sobre este aspecto nota-se os diferentes motivos para permanência.

Sirlei: *Acredito que os aspectos positivos que me auxiliaram na permanência do curso foram as diferentes ideias que são colocadas em discussão, assim como as reflexões que nos são exigidas de certos assuntos ou conceitos. Como também, a minha vontade de ser professora alfabetizadora.*

Dorvalino: *Eu estava desistindo até que no quarto semestre eu acho, porque eu também não queria entrar nas panelinhas é porque na universidade tem muita panela: alunos, professores, funcionários. Daí uma professora fez com que eu participasse do trabalho em grupo para apresentação. Nas apresentações até aí eu me virava e apresentava sozinho, do meu jeito, porque eu queria apresentar as coisas do jeito que eu entendi e tirar isso da memória, não como os grupos que eram na internet baixavam e depois apresentavam ou seja pegar o conhecimento dentro da internet para poder apresentar. Eu criticava isso. Foi a professora Leda tenho a memória dela ainda. Daí faziam os grupos para apresentar e nós tínhamos que apresentar uns cantos, era o trabalho daí ela fez com que eu entrasse no grupo das moças, algumas até não concordaram era um grupo de 6 ou 7 eu acho, algumas não concordaram não queriam que eu participasse do grupo, mas a maioria cinco moças concordaram, duas desistiram foram para outro grupo*

Josias: *Os aspectos positivos são muitos estão bem pessoais (risos) são bem pessoais mesmo. Mas uma coisa bem positiva é pelo fato de eu começar a conhecer esse mundo letrado e tu gostar do que está vendo aprendendo quando a gente começa a aprender alguma coisa começa a ver o mundo então não é só isso tu começa a ver uma outra parte do mundo não é só e que desperta uma certa curiosidade de continuar investigando ir atrás.*

Para Sirlei foram as diferentes ideias e discussões que aconteceram ao longo do curso e sua grande vontade de se tornar uma professora alfabetizadora. Já Dorvalino estava quase desistindo do curso, quando uma professora o ajudou a participar de um grupo e, a partir de então, ele começou a interagir mais e fez amizades que lhe ajudavam quando necessário. Para Josias, este é um aspecto bem pessoal, mas que a curiosidade de conhecer e entender este mundo letrado foi um dos pontos positivos.

A terceira pergunta lançada ao três estudantes foi sobre as adversidades e desafios vividos ao longo do percurso acadêmico.

Sirlei: *Há, os desafios! Foram inúmeros, mas acima de tudo, usei-os para meu fortalecimento enquanto pessoa em formação. Pois uma pessoa que está em qualquer etapa de sua construção passa por diferentes momentos de sua vida. Um deles é saber enfrentar os obstáculos que a vida nos coloca. Um exemplo que aparentemente parece tão simples ou insignificante para muitos, mas para quem tem e sente, é muito difícil, é a timidez. Ela foi uma das mais cruéis comigo no início da graduação, pois não conseguia me expressar da forma como gostaria, não conseguia entender o motivo que me levava a sentir tal temperamento. Talvez pelo novo contexto onde acabara de ser inserida!*

Dorvalino: *la de ônibus, saía às 6h, em muitas aulas eu me atrasava por causa da distância. Muitas vezes eu tinha dificuldade de sair daqui, ainda mais quando chovia, muitas vezes alagava a estrada que eu passava e eu não podia ir na aula. Muitos levavam em consideração isso, outros não. Eu vi algumas professoras assim me dá atenção, mas as professoras que também passaram por necessidade.*

Josias: *A os desafios são aqueles, por exemplo a distância, acho que esses são os desafios sabe, fica longe da família esses são os maiores. Claro tem outros, tem outros, mas eu acho que os desafios maiores são esses, tem inúmeros desafios tenho desafio por exemplo de tu ler um texto acadêmico, o desafio por exemplo de entregar um trabalho para alguém e não tinha por exemplo não era acostumado no mundo letrado então tem todos esses desafios, mas os desafios maiores que eu eu vejo é permanecer na cidade morar aqui é muito difícil então e a distância dos parentes.*

Podemos perceber que cada um dos três estudantes enfrentou desafios diferentes ao longo do percurso acadêmico. Para Sirlei, o maior desafio foi superar sua timidez no início de curso, mas conseguiu superar e se fortalecer. Já para Dorvalino, o desafio era a distância entre a terra indígena onde mora até a universidade, essa situação piorava nos dias de chuva. E para Josias, o maior desafio era ficar longe de sua família, morar na cidade grande, outro desafio foi se acostumar com o mundo acadêmico.

Esse problema relacionado a saudades que os estudantes indígenas apontam ao ficarem longe de suas famílias e comunidades, já foi abordado por outros pesquisadores que estudam o tema. Doebber (2017) argumenta que, assim como a possibilidade de sair de casa, viver longe dos parentes pode proporcionar maior independência aos jovens estudantes indígenas, por outro lado, ao elencar as dificuldades em se manter na UFRGS, alguns estudantes relatam vir para a universidade representa a primeira vez que se afastam de suas casas e entre outros aspectos precisam se acostumar “à saudade que sentem dos parentes” (p. 38).

A quarta pergunta lançada aos estudantes foi sobre os melhores momentos que viveram ao longo de sua formação. Na sequência apresento a fala de Sirlei e de Josias sobre esses “melhores momentos”, sendo que Dorvalino se absteve de comentar a questão.

Sirlei: *Os melhores momentos durante a graduação, esses são inumeráveis. A começar desde o período que você se encontra na sala de aula do curso que mais deseja, bem como de minhas primeiras aulas, minhas primeiras práticas pedagógicas, minha experiência como pesquisadora durante a bolsa de Iniciação Científica, assim como o estágio curricular obrigatório, entre tantos outros.*

Josias: *Os melhores momentos no curso é uma pergunta difícil de responder eu acho que os melhores momentos (pensativo). É difícil responder mesmo eu acho que os melhores momentos foram os que eu me reuni com a professora Cida⁴ para conversar com ela com outros professores que apoiavam o que eu acreditava. Bom eu acho que estes momentos é que foram os melhores. Entende porque, nem todos os momentos tu encontra apoio pra tu pesquisar, estudar um certo tema, nem sempre tu ganha incentivo dos Professores eu acho que os melhores momento foram esses.*

Para Sirlei, os melhores momentos estar no curso que tanto desejava, suas práticas pedagógicas, sua experiência como pesquisadora ao longo de sua bolsa de iniciação científica, seu estágio curricular obrigatório. Dorvalino não fez um relato específico dos melhores momentos. Para Josias, os melhores momentos foram os

⁴ Professora Maria Aparecida Bergamaschi.

que se reunia com a professora Cida e outros e recebia apoio para estudar e pesquisar.

Ainda sobre a quarta pergunta lançada foi sobre a relação colegas e professoras.

Sirlei: *A relação com os professores foi bastante marcante, visto que cada um tem suas metodologias e formas de avaliar cada aluno. Todos têm um lugar especial em minha memória. Considero que minha relação com meus colegas foi maravilhosa, pois mantenho amizade até hoje com alguns deles.*

Dorvalino: *Eu fiz bastante amizade, com bastante professoras e professores. Tive também bastante confronto com os professores, porque eu fui para a universidade com grande conhecimento do meu povo né, muito eu já tinha praticado. Fui sabendo o valor do índio, o valor da história, o valor da cultura os direitos desse povo. Então eu fui assim sabendo de muita coisa, e lá eu vi coisas desrespeitosas né, sobre os direitos desse povo indígena. Isso me fez enfrentar muitas realidades lá dentro. E muitos professores que desrespeitaram esse conhecimento. Que queriam fazer o conhecimento deles como se estivesse acima de conhecimentos indígenas*

Josias: *A minha relação com os colegas foi muito muito legal, no momento que eles souberam que eu era indígena, que eu vim de uma terra indígena todos eles me apoiaram nas ideias, queriam saber um pouco mais dessa diversidade de pensamento desse povo, o que esse povo quer? Eu acho que a minha relação com os colegas foi bem interessante e tranquila. Contribuiu bastante para o meu crescimento Acadêmico e meu modo de pensar.*

Acredito que Sirlei e Josias chegaram mais receptivos aos conhecimentos que a universidade lhes promoveu. Já Dorvalino chegou sabendo qual seu papel e valorizando seu conhecimento prévio. Sobre a valorização dos conhecimentos prévios Jófoli (2002, p. 198) afirma que é importante “entender seus significados e dar-lhes voz”.

4.2 Marcas do curso na formação dos estudantes kaingang

A pergunta que lanço aos estudantes indígenas neste segundo bloco são referentes aos conhecimentos construídos durante o curso, todos tem utilidade para a vida de um estudante indígena?

Sirlei *Penso que sim, já que a ideia de todo e qualquer conhecimento que possa ser construído ou adquirido é para fazer a diferença em nossas vidas, seja para esclarecer, informar ou até mesmo para nos colocar em dúvidas de nossas próprias verdades.*

Dorvalino *Não, é um aprendizado que a gente aprende para a gente, para vida da gente, é claro que me dá uma autonomia do conhecimento, de aprendizado e a gente aprende muita coisa. Só que essa muita coisa, não dá para aplicar dentro do povo indígena.*

Josias *Eu acho que sim, sabe porquê? Porque o conhecimento ele não é questão de ter utilidade do meu ponto de vista né, mas o conhecimento ele é sempre bem vindo. De uma certa forma o conhecimento ele amplia a nossa visão de mundo tanto na aldeia quanto fora da aldeia*

Sirlei e Josias acreditam que sim, os conhecimentos construídos ao longo do curso tem utilidade em suas vidas. Dorvalino fala da autonomia que estes conhecimentos trazem, mas ressalta que muita coisa não dá para aplicar ao povo indígena. Sobre este aspecto é importante comentar que, em relação ao ensino, são quase inexistentes os trabalhos que abordam a temática indígena, nem são considerados nos programas das disciplinas os conhecimentos advindos destes povos.

A segunda pergunta deste bloco foi referente aos desafios para a implementação daquilo que aprenderam no curso de Pedagogia nas escolas indígenas.

Sirlei *Os critérios que cada comunidade indígena tem, já que deve haver um equilíbrio entre o que é implementável em relação aos costumes e tradições que devem ser preservados.*

Dorvalino *Alguma coisa até dá para aproveitar na sala de aula, mas não dá para trazer a política, a maior parte da política, a maior parte do aprendizado da universidade para dentro da Aldeia dá muito confronto, é um perigo.*

Josias *Olha eu acho que para implementar você teria que ter uma sensibilidade tanto da universidade e do indígena né, por causa que para implementar isso aí, só é possível quando os dois lados conversam, dialogam, não colocam um conhecimento superior ao outro. Eu acho que é somente valorizar o pensamento da diversidade, não apenas o conhecimento acadêmico eurocêntrico. Entendi, eu acho que é o caminho né. Eu acho uma das possibilidades.*

Nesta questão os três estudantes apontam de formas diferentes que até é possível implementar o que aprenderam no curso de Pedagogia, mas é preciso cuidado, respeitar as decisões das comunidade. Mostram, com isso, que há um respeito ao universo cultural e à organização de seus povos, suas comunidades.

4.3 Os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs)

Apresento o quadro síntese dos TCCs realizados por estes três estudantes kaingang, destacando os temas estudados por eles, ano de ingresso e ano de conclusão e quem foram as professoras que orientaram estes trabalhos. Também faço uma pequena análise, evidenciando aspectos comuns nas pesquisas realizadas pelos três estudantes Kaingang como finalização do percurso acadêmico na graduação da UFRGS.

NOME	TÍTULO	ORIENTADORA	ANO DE INGRESSO	ANO DE CONCLUSÃO
Dorvalino Refej Cardoso	Aprendendo com todas as formas de vida do planeta educação oral e educação escolar Kaigáng.	Profª.Drª Maria Aparecida Bergamaschi	2008/01	2014/01
Josias Loureiro de Mello	A língua portuguesa na sociedade Kaingang: um estudo na terra indígena Serrinha,RS.	Profª.Drª Maria Aparecida Bergamaschi	2011/01	2015/02
Sirlei Ribeiro	Que cor é a nuvem professora? Narrativas de uma professora indígena Kaingang em formação.	Profª.Drª Darli Collares.	2010/01*	2017/01

*Ingressou no curso de Matemática e por transferência interna iniciou Pedagogia em 2012/1

Dorvalino foi o primeiro estudante indígena no curso de Pedagogia, ingressou no ano de 2008. Em 2014 conclui o curso tornando-se o primeiro estudante indígena formado no curso de Pedagogia. Para orientar seu trabalho de conclusão, escolheu a professora Maria Aparecida Bergamaschi⁵. Em seu trabalho de conclusão de curso, Dorvalino apresenta a organização social do povo Kaingang, como entendem a educação, a escola indígena, fala da proposta pedagógica diferenciada, bilinguismo, inclusão e interculturalidade. Tem como objetivo principal discutir a importância da educação oral para o povo kaingang e o quanto isso influencia para um bom ciclo de vida. Seu trabalho é construído a partir de suas vivências como

⁵ Esta professora da Faculdade de Educação trabalha em suas atividades docentes de pesquisa-ensino-extensão com a educação indígena, tema que a aproxima desses estudantes.

professor na comunidade onde vive, suas experiências como liderança indígena e sua trajetória acadêmica.

Josias foi o segundo estudante indígena a ingressar no curso de Pedagogia, no ano de 2011. Graduou-se no ano de 2015 e assim como Dorvalino, escolheu a professora Maria Aparecida Bergamaschi para orientar seu trabalho de conclusão de curso. Em seu trabalho, Josias fala sobre as dificuldades enfrentadas na aprendizagem da língua portuguesa para os falantes da língua kaingang, a partir da educação escolar indígena e da escola específica e diferenciada. Para realizar este estudo, escolheu uma turma de quarto ano de uma escola indígena localizada no norte do estado.

Sirlei ingressou na UFRGS em 2010, no curso de Licenciatura em Matemática, mas conseguiu fazer a transferência interna para o curso de Licenciatura em Pedagogia no ano de 2012. Graduou-se no ano de 2017 e diferente dos outros dois estudantes, não escolheu como orientadora de seu trabalho de conclusão de curso a professora Maria Aparecida Bergamaschi, ao meu ver ela rompe com um paradigma de que somente esta professora orienta estudantes indígenas. Para orientar seu trabalho de conclusão de curso, escolheu a professora Darli Collares, com a qual havia construído laços importantes durante o curso, tendo sido inclusive bolsista desta docente. Em seu trabalho, ela busca compreender os caminhos trilhados para constituição docente no âmbito da educação indígena. Para construção do mesmo, Sirlei conta com a colaboração de três professoras indígenas de escolas do interior do estado do Rio Grande do Sul. Usa também suas próprias experiências a partir da prática pedagógica do sexto semestre do curso.

Observa-se que todos os três TCCs abordam temas relacionados ao universo Kaingang, à educação kaingang. Principalmente no texto de Dorvalino e Josias, são apresentados itens importantes da cultura de seu povo. Todos iniciam com suas histórias de vida, revelando parte do modo de vida, de como foram educados.

PALAVRAS FINAIS

Quando ingressei na UFRGS, tinha duas metas bem definidas. Uma é que meu trabalho de conclusão de curso abordaria a questão indígena, embora naquele momento ainda não tivesse definido um recorte específico. A segunda meta era ter como orientadora a querida professora Cida. Com muita alegria consegui atingir estas duas metas.

Escrever um pouco sobre a trajetória destes três estudantes, dar voz a suas histórias foi algo muito enriquecedor para mim. A cada entrevista realizada, eu saía cheia de novas ideias, cheia de alegria por estes que agora são Pedagogos e Pedagoga, compartilharem seus saberes comigo. Esta, talvez, seja uma das principais características deste povo, não ter receio em compartilhar saberes, conhecimentos e sua história. Dois destes estudantes formados já estão no mestrado, para um deles falta apenas a proficiência em língua estrangeira para assim poder concluir e receber o título de mestre.

O povo Kaingang é um povo muito hospitaleiro, ressalto mais uma vez que essas são impressões minhas, criei ao longo de anos de convivência, tanto em território indígena, quanto na CEU onde estabeleci amizades com os moradores indígenas, especificamente os kaingang.

Sobre o objetivo principal deste trabalho, que foi estudar o percurso formativo dos três primeiros estudantes indígenas (kaingang) formados no curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRGS. Consegui perceber que, embora tenham ingressado em momentos diferentes (2008, 2010 e 2011), existem vários pontos em comum, mesmo sob ótica diferente. Os três estudantes entrevistados destacam dificuldades de adaptação, de permanecer na UFRGS, mas igualmente destacam um “encantamento” com o curso, sentimento que lhes permitiu continuar.

Sendo assim, este trabalho constitui-se de uma pesquisa descritiva de caráter qualitativo, pois estes estudantes indígenas relatam sobre suas experiências, falam sobre suas primeiras impressões, dificuldades e claro, dos bons momentos também.

Ainda sobre a presença dos estudantes indígenas na universidade, Marcos Terena (2013, p. 13) nos fala que “A presença do Índio Universitário nas academias brasileiras ao longo do tempo representará também a transformação do Estado, gerando equidade e qualidade social, econômica e política”.

A universidade mudou sua “cara” nos últimos anos e isso causou estranhamento para muitos. Mas aos poucos, este que era um espaço quase exclusivo da elite, vem sendo tomado por índios, índias que cada vez mais sabem de seu valor e do valor da sua história.

Ao analisar o resultado deste trabalho, percebo que este assunto não se esgota aqui. Ainda tem muito o que se estudar sobre a presença destes estudantes na universidade, isso para além do curso Pedagogia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGAMASCHI, Maria Aparecida et al. **Estudantes Indígenas no ensino superior**. Uma abordagem a partir da experiência na UFRGS. 1ª edição: 2013. Editora UFRGS.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida et al. **Povos Indígenas & Educação**. 2ª edição. Porto Alegre 2012. Editora Mediação.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. KURROSCHI, Andréia da Rosa Silva, **Estudantes indígenas no ensino superior: o programa de acesso e permanência na UFRGS. Políticas Educacionais**, Porto Alegre , v 6, n. 2, p. 1-20, 2013.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de Outubro de 1988.

BRITTO, Patrícia Oliveira. **INDÍGENA-MULHER-MÃE-UNIVERSITÁRIA o estar-sendo estudante na UFRGS**. (Tese de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

CARDOSO, Dorvalino Refej. **Aprendendo com todas as formas de vida do planeta educação oral e educação escolar Kahgáng**. Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2014.

CLAUDINO, Zaqueu Key. Kame e Kajru: A dualidade fértil na cosmologia Kaingang In. BERGAMASCHI, Maria Aparecida et al. (org.). **Povos Indígenas & Educação**. 2ª edição. Porto Alegre 2012. Editora Mediação, p.107-111.

DOEBBER, Michele Barcelos. **Indígenas estudantes nas graduações da UFRGS: movimentos de re-existência.** (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

JÓFOLI, Zélia. **Piaget, Vygostsky, Freire a construção do conhecimento na escola.** Educação: Teorias e Práticas. Ano 2, n. 2 - dezembro de 2002.

MELLO, Josias Loreiro de; **A língua portuguesa na sociedade Kaingang:** um estudo na terra indígena Serrinha, RS. Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015.

MELIÀ, Bartolomeu (1979). **Educação indígena e alfabetização.** São Paulo: Loyola.

PALADINO, Mariana. Um mapeamento das ações afirmativas voltadas aos povos indígenas no ensino superior. In.BERGAMASHI, Maria Aparecida et al. (org). **Estudantes Indígenas no Ensino Superior.** Uma abordagem a partir da experiência na UFRGS. Editora UFRGS. 2013, p. 99-112.

RIBEIRO, Sirlei; **Que cor é a nuvem professora?** Narrativas de uma professora indígena kaingang em formação. Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2017.

ROSA, Rogério Reus da Rosa. Uma ponte pênsil sobre o oceano: a contribuição do pensamento mitológico Kaingang para a humanidade. In. BERGAMASCHI, Maria Aparecida et al. (org.). **Povos Indígenas & Educação.** 2ª edição. Porto Alegre 2012. Editora Mediação, p. 91- 113.

SANTOS, Ana Isabel Melo dos. **Tecelando trajetórias:** A monitoria indígena como espaço de formação intercultural. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Peixoto Córdova (org.). **A pesquisa científica.** In. GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009, p. 31-42.

<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>

TERENA, Marcos. In. BERGAMASCHI, Maria Aparecida et al. (org.). **Estudantes Indígenas no ensino superior.** Uma abordagem a partir da experiência na UFRGS. 1ª edição: 2013. Editora UFRGS. p. 9-13.

APÊNDICE A

ENTREVISTA COM SIRLEI RIBEIRO. 3º ESTUDANTE FORMADO NO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA PELA UFRGS. REALIZADA DIA /09/2018.

Carine: Primeiros momentos na universidade (como se sentiu; houve acolhimento por parte dos colegas e professores;)

Sirlei: Meus primeiros momentos na UFRGS foram bastante intensos, se é que posso dizer assim, mas o fato é que ingressei em um curso no qual não imaginava ser bastante difícil, e por esse motivo, solicitei transferência interna para o curso de pedagogia. Neste curso, desde o primeiro dia de aula até o último semestre, foram inúmeros os desafios e inúmeras as aprendizagens. Durante todo esse período da graduação, sentia-me uma pessoa curiosa e, ao mesmo tempo, tímida em relação aos professores, os quais mudam a cada semestre. Mas logo no primeiro encontro, nas primeiras falas, sentia uma grande admiração pelo seus fazeres docentes. Nas falas era possível perceber o acolhimento e atenção que cada professor da FACED tem com cada aluno que frequenta o curso de pedagogia. É impressionante como eles conseguem nos conhecer, saber de nossas dificuldades em um período tão curto de cada semestre. Quanto aos colegas, poucos me procuram para dar apoio ou perguntar se eu precisava de alguma ajuda. Dessa forma, foi construída uma amizade que dura até hoje. Depois de minha saída da faculdade, ainda nos encontramos para tomar um café ou almoçarmos juntas, bem como fazemos curso de curta duração na UFRGS, os chamados cursos de extensão. Sendo assim, acredito que, não somente foi construído uma relação de amizade, mas uma conexão de afeto, de irmão ou de irmã.

Carine: Os aspectos positivos que auxiliaram na permanência.

Sirlei: Acredito que os aspectos positivos que me auxiliaram na permanência do curso foram as diferentes ideias que são colocadas em discussão, assim como as reflexões que nos são exigidas de certos assuntos ou conceitos. Como também, a minha vontade de ser professora alfabetizadora.

Carine: Das adversidades: os desafios enfrentados.

Sirlei: Há, os desafios! Foram inúmeros, mas acima de tudo, usei-os para meu fortalecimento enquanto pessoa em formação. Pois uma pessoa que está em qualquer etapa de sua construção passa por diferentes momentos de sua vida. Um deles é saber enfrentar os obstáculos que a vida nos coloca. Um exemplo que aparentemente parece tão simples ou insignificante para muitos, mas para quem tem e sente, é muito difícil, é a timidez. Ela foi uma das mais cruéis comigo no início da graduação, pois não conseguia me expressar da forma como gostaria, não conseguia entender o motivo que me levava a sentir tal temperamento. Talvez pelo novo contexto onde acabara de ser inserida!

Carine: Dos conhecimentos construídos durante o curso, todos tem utilidade para a vida de um estudante indígena?

Sirlei: Penso que sim, já que a ideia de todo e qualquer conhecimento que possa ser construído ou adquirido é para fazer a diferença em nossas vidas, seja para esclarecer, informar ou até mesmo para nos colocar em dúvidas de nossas próprias verdades.

Carine: Quais os desafios para a implementação daquilo que aprenderam no curso de Pedagogia nas escolas indígenas

Sirlei: Os critérios que cada comunidade indígena tem, já que deve haver um equilíbrio entre o que é implementável em relação aos costumes e tradições que devem ser preservados.

Carine: Os melhores momentos no curso de Pedagogia, situações difíceis, relação com os professores e com colegas.

Sirlei: Os melhores momentos durante a graduação, esses são inumeráveis. A começar desde o período que você se encontra na sala de aula do curso que mais deseja, bem como de minhas primeiras aulas, minhas primeiras práticas pedagógicas, minha experiência como pesquisadora durante a bolsa de Iniciação Científica, assim como o estágio curricular obrigatório, entre tantos outros.

Há situações em que nos esforçamos bastante em certas disciplinas e mesmo assim não obtemos o conceito esperado. Acho que isso é mais difícil, pois nos deixa tão desanimados. A relação com os professores foi bastante marcante, visto que cada um tem suas metodologias e formas de avaliar cada aluno. Todos têm um lugar especial em minha memória. Considero que minha relação com meus colegas foi maravilhosa, pois mantenho amizade até hoje com alguns deles.

APÊNDICE B

ENTREVISTA COM DORVALINO CARDOSO, PROFESSOR INDÍGENA DA ESCOLA NA ALDEIA KAINGANG VOGA EM SÃO LEOPOLDO. 1º ESTUDANTE FORMADO NO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA PELA UFRGS. REALIZADA DIA 22/10/2018.

Carine: Primeiros momentos na universidade (como se sentiu; houve acolhimento por parte dos colegas e professores;)

Dorvalino: A gente chegou lá e era tudo estranho, não sabia onde fazer xerox, como fazer xerox. tudo era novo, não sabia quais eram as estratégias par de ler os textos, tudo isso tinha dificuldade. Tudo acarretou dificuldades, quando eu entrei não tinha monitora. A monitoria veio depois, então né precisava de monitora já no início. Mas daí com alguns colegas eu fui conhecendo os espaços a Casa do Estudante eu não me alojei lá. Eu fui fazendo algumas amizades, mas muito pouco porque na Pedagogia era mais moças né, rapazes eram poucos, aí fiz amizade com alguns rapazes as primeiras amizades. Daí fui me adaptando aos pouquinhos. muitos professores têm que se adaptar ao jeito deles do jeito, dos professores. Eu discordava não sei se estou certo ou errado mas eu penso assim, como professor também, o professor tem que se adaptar ao aluno, a prioridade é a aluna e o aluno considerado como diferenciado. Então tem que ter um atendimento diferenciado e uma atenção para o aluno né, o professor ele tem que dar atenção para o aluno e eu sempre dizia para algumas professoras que se ela não explicasse bem os trabalhos eu não tinha como fazer, como é que eu ia fazer sem entender né, e outra que a gente não entendia bem o português muito mais a gramática do português, ela é muito mais difícil. É esse desrespeito que os professores tiveram, de usar a gramática portuguesa com aluno que tinha uma dificuldade muito grande com o português né. Eu até os 9 anos era monolíngue, e aí fui aprendendo o português aos poucos.

Carine: Os aspectos positivos que auxiliaram na permanência.

Dorvalino: Eu estava desistindo até que no quarto semestre eu acho quinto.(ouvir essa parte novamente) porque eu também não queria entrar nas panelinhas é porque na universidade tem muita panela né ,alunos, professores, funcionários. Daí uma professora fez com que eu participasse do trabalho em grupo para apresentação. Nass as apresentações até aí eu me virava e apresentava sozinho,do meu jeito né, porque eu queria apresentar as coisas do jeito que eu entendi e tirar isso da memória né,não como os grupos que e iam na internet baixavam e depois apresentavam ou seja pegar o conhecimento dentro da internet para poder apresentar. Eu criticava isso. Foi a professora Leda tenho a memória dela ainda. Daí faziam os grupos para apresentar e nós tínhamos que apresentar uns cantos, era o trabalho daí ela fez com que eu entrasse no grupo das moças,algumas até não concordaram era um grupo de 6 ou 7 eu acho, algumas não concordaram não queriam que eu participasse do grupo, mas a maioria cinco moças concordaram, duas desistiram foram para outro grupo. Aí eu comecei a participar dos grupos das apresentações, as moças começaram a me ajudar. Me ajudaram muito e aí a gente foi se conhecendo fazendo amizades.

Carine: Das adversidades: os desafios enfrentados.

Dorvalino: Ia de ônibus, saía às 6h, em muitas aulas eu me atrasava por causa da distância né. Muitas vezes eu tinha dificuldade de sair daqui, ainda mais quando chovia muitas vezes alagava a estrada que eu passava e eu não podia ir na aula. Muitos levavam em consideração isso, outros não. Eu vi algumas professoras assim me dá atenção, mas as professoras que também passaram por necessidade né. Uma que foi fazer os seus estudos né, seu doutorado fora do país, com uma cultura diferente,com língua diferente, e onde ela sofreu muito. Então ela falava que aquele sofrimento que ela teve, ela estava enxergando em mim. Todos os professores, eles tinham que ter essa consideração ,com uma pessoa assim que a pouco tempo aprendeu a falar português. Na minha comunidade um dos critérios é que só pode

morar aqui quem é falante da língua e é bem diferente do português. Então existem os dois lados né. Mas o tempo é assim mesmo, existe o tempo bom e o tempo ruim. Então eu fiz amizade com muitos professores mas também tive confronto com muitos e eu nunca arrependo pé eu sempre cobrando, porque ele é professor porque ele é ele tem competência né. Então eu me incomodava quando eles mostravam desrespeito como profissional, como um sábio. Então isso acarretava no nervosismo em mim, que a pessoa que é que se diz que tem estudo, é sábio tem formação, você tem que mostrar o respeito das pessoas da sociedade e não dizer que ele é o melhor e que o outro é o pior. Tudo isso eu cobro muito das pessoas, eu sou uma pessoa humilde, eu compartilho a minha sabedoria e eu tinha um outro tempo né. Isso também incomodava os outros profissionais, pois eu se eu entendia dava para compartilhar, se eu não entendia paciência, o que eu vou fazer não posso fazer milagre. As pessoas que circulavam no interior da Universidade estavam sempre correndo para lá e para cá nos corredores. O tempo deles era curto né, acumulando trabalho, serviço, compromisso. Vendo essas pessoas isso me faziam mal. Enquanto que eu eu tinha tempo de descansar, tinha tempo de trocar de ideias com as pessoas que tinham curiosidades. Eu eu não corria pelo pelo saguão. pelo interior da universidade. Mas isso também incomodava os outros né, aí achavam que eu não tinha vontade, achavam que eu parecia desanimado. Mas o problema que eu sei viver né, porque eu vou estar me estressando muitas vezes. Então essa pessoa né que não descansa direito, não dorme direito, essas correrias, tudo por causa de um bem-estar, mais um bem-estar não é se você se matar em pouco tempo para ganhar dinheiro. O bem-estar é bem diferente. Bem estar e bem viver são bem diferente. É ter outros valores, então nós povos indígenas não temos crise, nós não sofremos crise, porque o povo ele não nasceu para viver em crise. Porque os índios lá nas aldeias deles, eles não precisam se preocupar com transporte, energia, água, telefone. Eles não precisam de dinheiro para sobreviver, então a tal de crise ela não é uma coisa que atinge os indígenas, e para quem sabe viver não atinge porque na colônia lá na mata tu tem tudo para comer então não precisa se preocupar com nada tu come o que tu planta.

Carine: Dos conhecimentos construídos durante o curso, todos tem utilidade para a vida de um estudante indígena?

Dorvalino: Não, é um aprendizado que a gente aprende para a gente né, para vida da gente, é claro que me dá uma autonomia do conhecimento, de aprendizado e a gente aprende muita coisa. Só que essa muita coisa, não dá para aplicar dentro do povo indígena como política diferente né.

Carine: Quais os desafios para a implementação daquilo que aprenderam no curso de Pedagogia nas escolas indígenas.

Dorvalino: Muito pouca coisa dá para aproveitar na comunidade a gente em si aproveita para a gente, para a vida da gente, enriquece sim o conhecimento da gente, mas não para aplicar numa sala de aula indígena porque ela dá confronto né. Esse saber branco e saber indígena ele está sempre confronto. Muitas coisas dos indígenas é bom para os brancos, mas muita coisa não são boas. Assim dos brancos também tem muitas coisas, que são boas para os brancos, mas não são boas para os indígenas outras sim. Alguma coisa até dá para aproveitar na sala de aula, mas não dá para trazer a política, a maior parte da política, a maior parte do aprendizado da universidade para dentro da Aldeia dá muito confronto, é um perigo.

Carine: Os melhores momentos no curso de Pedagogia. Situações difíceis. Relação com os professores, com colegas.

Dorvalino: Eu fiz bastante amizade, com com bastante professoras e professores. Tive também bastante confronto com os professores, porque eu fui para a universidade com grande conhecimento do meu povo né, muito eu já tinha praticado. Fui sabendo o valor do índio, o valor da história, o valor da cultura os direitos desse povo. Então eu fui assim sabendo de muita coisa, e lá eu vi coisas desrespeitosas né, sobre os direitos desse povo indígena. Isso me fez enfrentar muitas realidades lá dentro. E muitos professores que desrespeitaram esse

conhecimento. Que queriam fazer o conhecimento deles como se estivesse acima de conhecimentos indígenas. O povo branco aprendeu muito com os índios, então eu penso que a universidade tem que abrir as portas para esse conhecimento. É coisa que eu não vi lá dentro. Inclusive falei para professora de história que eu não ia participar do debate da história, que eu tinha me ferrado muitas vezes na questão do debate. Porque eu sou um aluno assim, que discordo muito, mas eu dou ideias, eu não e discordo por nada. Eu discordo porque eu tenho uma saída, não critico por criticar. Eu quero que a outra pessoa entenda que existem várias sabedorias. A sabedoria é muito grande, a gente nunca vai ter perna para aprender tudo, a gente nunca aprende tudo, sempre tem coisa. Então eu acho que quando o profissional se acha sábio, eu eu vejo assim um desrespeito. A gente vai aprendendo com passar da vida, mas a gente nunca aprende tudo. É muita coisa, a vida da gente é muito curta diante de tanto conhecimento.

APÊNDICE C

ENTREVISTA COM JOSIAS MELLO, 2º ESTUDANTE FORMADO NO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA PELA UFRGS. REALIZADA DIA 29/10/2018.

Carine: Primeiros momentos na universidade (como se sentiu; houve acolhimento por parte dos colegas e professores;)

Josias: Foi bastante difícil a gente era acostumado lá, foi difícil sim chegar aqui na cidade. Não conhecia quase ninguém, mas eu acho que o que contribuiu bastante foi a vontade de ficar na universidade. Comecei ir atrás por exemplo de conhecer a biblioteca, conhecer esses lugares, conhecer a universidade foi uma atitude bastante minha, que facilitou muito, eu não esperei assim por exemplo que alguém me apresentasse a universidade. Eu procurei ir atrás, conhecer, matar a curiosidade desse novo mundo, acadêmico. Isso facilitou bastante sabe, daí eu nem esperei muito por esse acolhimento. O acolhimento houve na época que eu entrei pela CAPEIN, eles fizeram umas apresentações bem básicas para nós, da universidade daí a partir daí eu comecei ir atrás. Isso contribuiu muito sabe, contribuiu tanto, que eu não fiquei esperando acho que se torna difícil quando tu fica esperando acolhimento, no momento que vai atrás busca isso facilita muito.

Carine: Os aspectos positivos que auxiliaram na permanência.

Josias: Os aspectos positivos são muitos estão bem pessoais (risos), são bem pessoais mesmo. Mas uma coisa bem positiva é pelo fato de eu começar a conhecer né esse mundo letrado e tu gostar do que está vendo aprendendo. Quando a gente começa a aprender alguma coisa, começa a ver o mundo então não é só isso, tu começa a ver uma outra parte do mundo. E isso que desperta uma certa curiosidade de continuar investigando, ir atrás, tanto que essa coisa de

curiosidade não sei se tu percebeu ma,s eu trago bastante no meu TCC e vai perceber que é uma curiosidade bastante minha né, de ir de buscar, conhecer. Isso foi semelhante na universidade no momento em que ela foi nova eu tentei ir atrás. Conhecer, conhecer mais né, o que estava acontecendo e foi a docência me chamou atenção, entendi que se você é um professor, então para ser um professor você precisa saber como lidar com as situações, tem que construir conhecimento tem que buscar esses conhecimentos.

Carine: Das adversidades: os desafios enfrentados.

Josias: Ao desafio são aqueles né,por exemplo a distância, esses são os desafios sabe, fica longe da família é um dos maiores desafios. Claro tem outros né, tem outros, mas eu acho que os desafios maiores são esses. Tem inúmeros desafios, tem o desafio por exemplo de tu ler um texto acadêmico, o desafio por exemplo de entregar um trabalho, para alguém que não era acostumado no mundo letrado. Então tem todos esses desafios, mas os desafios maiores que eu eu vejo é permanecer na cidade morar aqui é muito difícil e tem a distância dos parentes.

Carine: Dos conhecimentos construídos durante o curso, todos tem utilidade para a vida de um estudante indígena?

Josias: Eu acho que sim, eu acho que sim sabe porquê? Porque o conhecimento ele não é questão de ter utilidade, do meu ponto de vista né,mas o conhecimento ele é sempre bem vindo de uma certa forma o conhecimento ele amplia a nossa visão de mundo, tanto na aldeia quanto fora da aldeia sabe. Ele ajuda nessa interculturalidade, não sei se essa palavra né , mas ele ajuda nisso e contribui para a vida né, porque eu gosto de aprender para vida e claro serve para compartilhar esses conhecimentos. Mas em linhas gerais a gente tem que aprender para a vida e dessa maneira nunca é demais Entende nunca são demais, são sempre bem vindos. E serve de base para ir além.

Carine: Quais os desafios para a implementação daquilo que aprenderam no curso de Pedagogia nas escolas indígenas

Josias: Olha eu acho que para implementar você teria que ter uma sensibilidade tanto da universidade e do indígena. Porque para implementar isso aí só é possível quando os dois lados conversam, dialogam e não colocam um conhecimento superior ao outro. Eu acho que que é somente valorizar o pensamento da diversidade não apenas o conhecimento acadêmico eurocêntrico entendi, eu acho que é o caminho uma das possibilidades.

Carine: Os melhores momentos no curso de Pedagogia, situações difíceis, relação com os professores e com colegas.

Josias: Os melhores momentos no curso é uma pergunta difícil de responder eu acho que os melhores momentos (pensativo). É difícil responder mesmo. Eu acho que os melhores momentos foram os que eu me reunir com uma com a professora Cida para conversar com ela com outros professores que apoiavam o que eu acreditava. Eu acho que estes foram os melhores entende, porque nem todos os momentos se encontra apoio para pesquisar, estudar um certo tema, nem sempre tu ganha incentivo dos professores. A minha relação com os colegas foi muito muito legal, no momento que eles souberam que eu era indígena que eu vim de uma terra indígena todos eles me apoiaram nas ideias, queriam saber um pouco mais dessa diversidade do pensamento, desse povo, o que esse povo estava pensando, o que eles querem. A minha relação com os colegas foi bem interessante e tranquila, contribuiu bastante para o meu crescimento acadêmico e meu modo de pensar.

APÊNDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (entrevistas e depoimentos)

Você está sendo convidado para participar na pesquisa *A trajetória dos estudantes indígenas no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir e no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você será penalizado de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto (Provisório): A trajetória dos estudantes indígenas no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Pesquisador Responsável: Professora Dra. Maria Aparecida Bergamaschi

Pesquisadora TCC Pedagogia: Carine Kloh Farias

Contato: Fones 51-996561129 / 51-33084253; email: cida.bergamaschi@gmail.com.

Fone: 51- 984639983; email: kloharias@gmail.com

O objetivo desta pesquisa é :

Analisar as trajetórias de três estudantes indígenas (Kaingang) que já concluíram o curso de Pedagogia na UFRGS, buscando compreender as vivências positivas e as adversidades que foram marcantes no percurso formativo.

- ◆ A sua participação consistirá em uma entrevista dialogada, que será gravada, transcrita e depois será devolvida para que revise, modifique ou negue o uso do material elaborado.
- ◆ Seu nome verdadeiro não será divulgado. As informações contidas em seus depoimentos comporão textos e serão publicados para divulgar os saberes e conhecimentos indígenas.

Porto Alegre, 24 de setembro de 2018.

Assinatura da pesquisadora responsável.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo acima descrito. Declaro ter sido devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora _____ sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e

benefícios envolvidos na minha participação. Me foi dada a oportunidade de fazer perguntas e recebi telefones e email para entrar em contato, caso tenha dúvidas. Foi-me garantido que não sou obrigado a participar da pesquisa e posso desistir a qualquer momento, sem penalidades. Recebi uma cópia deste documento.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do participante da pesquisa

APÊNDICE E

Roteiro de entrevista dialogada

1. Primeiros momentos na universidade (como se sentiram; houve acolhimento por parte dos colegas e professores;)
2. Os aspectos positivos que auxiliaram na permanência.
3. Das adversidades: os desafios enfrentados.
4. Dos conhecimentos construídos durante o curso, todos tem utilidade para a vida de um estudante indígena?
5. Quais os desafios para a implementação daquilo que aprenderam no curso de Pedagogia nas escolas indígenas
6. Os melhores momentos no curso de Pedagogia
7. Situações difíceis
8. Relação com os professores
9. Relação com colegas